Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 12.336 libaneses residiam no Brasil em 2010, o equivalente a 2,9% da população estrangeira registrada naquele levantamento. Quando considerados também os descendentes, as estimativas da Associação Cultural Brasil-Líbano apontam para aproximadamente 8 milhões de pessoas.

Em Brasília, essa presença aparece em diferentes gerações e profissões: há quem tenha chegado ainda jovem, quem tenha vindo para se casar, quem tenha construído negócios e quem tenha nascido na capital, mas crescido em uma casa onde o idioma, a comida e os costumes do Líbano continuaram na rotina.

Para o embaixador do Líbano no Brasil, Elias Nicolas, a relação entre os dois países ultrapassa os acordos oficiais. Em discurso sobre os laços históricos entre as nações, ele destacou a contribuição da comunidade libanesa para o desenvolvimento brasileiro. "Não é preciso ressaltar o quanto Brasil e Líbano estão ligados. Muitas (às) vezes, as culturas de nossos países simplesmente se fundem. E, depois de um ano vivendo no Brasil, posso dizer que vejo essa fusão todos os dias", destacou.

Uma vida construída entre dois países

Presidente do Clube Monte Líbano, em Brasília, Amer Nars, 77 anos, chegou à capital em 1967, aos 18 anos. A decisão de atravessar o oceano foi influenciada pela presença de familiares que já viviam no Brasil. O pai, que havia conhecido o país em 1954, gostou do lugar e incentivou o filho a seguir o mesmo caminho. "Eu tinha um irmão aqui, tinha primo, tinha tio, tinha irmão do meu pai. Aí, resolvi viajar para cá", conta. Com bom humor, ele atribui o impulso às origens: "Nós somos descendentes de fenícios, e os fenícios gostam de viajar".

O começo não foi simples. A chegada foi marcada pela curiosidade de conhecer uma nova realidade, mas também pelo idioma desconhecido e pela distância da família. "O imigrante, quando chega a um país estrangeiro, sofre muito. Não é por causa do povo ou do país. É por causa da saudade. Saudade da mãe, do pai, da tia, da irmã, do irmão, dos amigos que deixou lá, da escola em que estudou e da igreja que frequentava aos domingos", diz.

Ele lembra que, nos primeiros anos, a ausência da família provocava momentos de tristeza. "A gente sentia que faltava alguma coisa, como se faltasse um pedaço de você que não está aqui. Às vezes, a gente chorava muito."

Com o tempo, Brasília deixou de ser apenas o lugar onde havia escolhido viver e passou a fazer parte de sua identidade. "O Brasil é muito bom, um país fantástico. Ele recebe bem o estrangeiro", resume.



Embaixador do Líbano no Brasil, Elias Nicolas

Material cedido ao Correio

Celebração da amizade Brasil-Líbano

A Embaixada do Líbano promoveu, na última quarta-feira (18/11), uma solenidade em comemoração ao Dia Nacional do Líbano, aos 80 anos das relações diplomáticas entre Brasil e Líbano e aos 150 anos da visita de Dom Pedro II ao país, no Clube Monte Líbano, em Brasília. O encontro reuniu representantes da comunidade libanesa e convidados para celebrar os laços históricos entre as duas nações, além de valorizar a cultura, as tradições e a herança libanesa no Brasil.

Amer trabalhou por quase uma década na fábrica da Pepsi-Cola, onde chegou ao cargo de gerente. Depois, decidiu empreender. Ao lado de um dos irmãos, comprou uma loja no Conjunto Nacional e abriu o Snob Lanches, que permaneceu em funcionamento por 32 anos, até 2007. Depois, trabalhou com factoring e, posteriormente, assumiu a administração do Clube Monte Líbano.

Formou família e teve uma filha. Hoje, considera o Brasil também seu país, pois trabalha, participa da vida social e acompanha a política. "Nós defendemos esse país de toda maneira. Trabalhamos, ganhamos dinheiro, fizemos fortuna, construímos prédios e casas, casamos aqui. Nossos filhos são brasileiros. Nós amamos esse país de coração mesmo."

O encontro de duas histórias

A história de Amer também se mistura à de Mona Nasr, sua esposa, que conheceu durante uma viagem ao Líbano. Os dois pertenciam à mesma família: "A avó dela é minha tia", explica. O encontro aconteceu quando Amer tinha 31 anos e passou seis meses no país de origem. "Casamos, eu fui lá na embaixada, fiz a papelada e trouxe comigo", lembra. Os dois estão juntos há quase 45 anos.

Mona, 71, também nasceu no Líbano e construiu sua vida no Brasil ao lado do marido. Segundo Amer, ela se adaptou muito bem e criou um carinho especial pelo país. Ele conta que, às vezes, brinca com a possibilidade de voltarem a morar no Líbano, mas recebe sempre a mesma resposta. "Ela fala: 'não, não, aqui é melhor'."

Dentro de casa, a identidade libanesa permanece presente principalmente por meio do idioma e da alimentação. O casal conversa em árabe e prepara pratos tradicionais, mas também incorporou a culinária brasileira à rotina. "Praticamente todo dia tem uma comida libanesa em casa, mas também tem comida brasileira: arroz, feijão, bife, salada", diz Amer.

Entre os pratos preparados, estão receitas com trigo e carne, arroz com lentilha, além de legumes e verduras como vagem, abobrinha, berinjela e tomate. "A gente não come muita carne. A gente come um pedaço", explica.

Essa mistura também aparece no Clube Monte Líbano, que Amer ajudou a manter como ponto de encontro da comunidade. "Criamos o clube para manter o nome do Líbano. Mas aqui a maioria que frequenta é brasileiro. Então, nós não temos essa diferença", afirma.

A cada dois ou três meses, ele organiza almoços para os amigos. Cerca de 100 pessoas costumam participar. O cardápio reúne preparações libanesas e brasileiras, permitindo que cada convidado escolha o que prefere. "Quem gosta de quibe come quibe; quem gosta de esfirra come esfirra; quem gosta de tabule come tabule. Quem prefere churrasco também encontra churrasco."

Os encontros são gratuitos e começam por volta das 11h, seguindo até o fim da tarde. "Nós encontramos os amigos, conversamos sobre o Líbano, sobre política", diz. Para ele, é a convivência que mantém a cultura viva.